

Malária arrasa a nação Munduruku

Madeiras e garimpos estão encurralando as tribos em todo o país

Nos últimos três anos, perto de 650 índios da nação Munduruku morreram de hepatite, pneumonia, tuberculose, leishmaniose, infecções respiratórias e intestinais e malária. Essas doenças foram contraídas nos garimpos do rio Tapajós, no limite entre os Estados do Pará e Mato Grosso. Entretanto, desde agosto passado, a malária tem derrubado dezenas de índios, principalmente crianças. Isolados e sem atendimento médico, eles estão em perigo de vida. A revelação é do Conselho Indigenista Missionário que denuncia a exploração dos munduruku pelos garimpeiros como a principal causa.

Mas a tragédia não se resume a isso. No censo realizado em março deste ano, os pesquisadores do Cimi constataram que 45% dos 1.735 munduruku contabilizados na Missão Cururu, na mesma re-



Crianças da tribo Tembê: as mortes por doenças estão dizimando lentamente várias nações em vários Estados brasileiros

gião, haviam se tornado alcoólatras. A pesquisa revela que a depressão está provocando o excessivo consumo de álcool. E os motivos são muitos: os dados revelam, por exemplo, que o poder devastador

das madeiras e dos garimpos tem contribuído para encurralar o índio numa pequena extensão de terra. Sem espaço para cultivar ou criar, ele prefere a autodestruição. Durante sete anos, a irmã Maria

José, da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, conviveu com os munduruku. Conhecedora das dificuldades enfrentadas por eles, a religiosa afirma: "Por causa da exploração,

a cultura munduruku está se desintegrando".

Mas as mortes por doenças não ocorrem somente na nação Munduruku. Os Geripankó, Fulni-ô, Kampa, Karapotó, Kulina,

Maxakali, Mynky, Pakaá Nova, Tapeba, Tapirabé, Karajá, Tembê, Tikuna, Tukano, Xukuru, Wasu e Yanomami estão sendo lentamente dizimados. Depois da malária, chegou a cólera, que já matou dezenas de indígenas pertencentes a essas nações. A desnutrição ocupa o terceiro lugar entre os agentes da devastação. De 1993 ao final do primeiro semestre de 1995 matou cerca de 62 índios, sendo as maiores perdas registradas entre as crianças geripankó, no sertão do Estado de Alagoas.

A irmã Maria José diz que o surto de malária entre o povo munduruku vem preocupando bastante as missões mantidas pelo Cimi nas regiões leste e sudeste do Estado. "Há tempos em que a doença desaparece, mas acaba voltando com mais força", lamenta. Em missão religiosa no município de Santarém, a irmã Raimunda Soares ouviu a notícia do surto e das mortes na manhã do dia 1º de novembro. "Nos últimos dois meses, a malária tem sido muito intensa. Embora a Sucam tenha enviado várias equipes para destruir os focos, os resultados têm sido mínimos e a doença se alastra com uma rapidez assustadora", arrematou.